

## Delfim Santos e Henri Bergson: proximidade e divergências<sup>1</sup>

Magda Costa Carvalho  
Universidade dos Açores

*M. Delfim Santos, actuellement professeur à l'Université de Lisbonne, après avoir fait sa licence ès lettres avec Leonardo Coimbra est allé à Paris et a eu l'occasion d'expliquer à Henri Bergson les raisons de l'admiration dont il jouit dans certains cercles intellectuels au Portugal.*

Álvaro Ribeiro, « Bergson au Portugal », p. 228

Delfim Santos nasceu no Porto, em 1907, e a sua obra constitui um dos momentos fundamentais do pensamento filosófico português contemporâneo. Dotado de um espírito inquieto e de uma formação filosófica de grande consistência, estudou nos grandes centros intelectuais europeus da época. Não obstante, e de acordo com alguns comentadores, Delfim Santos terá sido um dos pensadores portugueses menos acarinhados pela instituição universitária nacional. A incompatibilidade entre o jovem Delfim e Joaquim de Carvalho, na altura um dos mais eminentes professores da elite académica filosófica coimbrã, revelou-se já desde a frequência da licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas. A audácia e o inconformismo que desde muito cedo marcaram o espírito do pensador português, levaram-no, inclusivamente, a desafiar a autoridade filosófica do lente. Anos mais tarde, seria o próprio Delfim Santos a reconhecer, nesse seu acto inconsequente, ecos herdados de um outro repto ocorrido na mesma Universidade contra o peso do academismo e a consequente coloração institucional da Verdade: o arrebatamento do jovem Antero contra o veterano Castilho<sup>2</sup>. O clima tendeu a encrudescer com o acentuar desta quezília, o que, durante muito tempo, contribuiu largamente para que Delfim Santos permanecesse afastado do meio universitário português e fosse, posteriormente, conduzido para uma espécie de exílio académico forçado nas cadeiras de Pedagogia. Delfim Santos, um dos mais brilhantes espíritos filosóficos da geração de discípulos de Leonardo Coimbra, viu gorada qualquer possibilidade de ensinar Filosofia no meio universitário, sua autêntica vocação<sup>3</sup>, o que, felizmente, não o impediu de nos legar um *corpus* textual rico em problematização filosófica e onde se encontram espelhadas não só as suas inquietações enquanto indivíduo, mas sobretudo as dúvidas e angústias que perpassavam o saber filosófico, nacional e europeu, da época.

As viagens que empreendeu à Áustria e à Alemanha, ao abrigo de uma bolsa de estudos do Estado português, a fim de estudar o neo-positivismo vienense e a metafísica alemã contemporânea, abriram a sua mente a um conjunto de conhecimentos que jamais poderiam ter sido adquiridos nos limites das fronteiras portuguesas e apuraram um engenho filosófico já de si prodigioso. Em Outubro de 1935, a caminho de Viena, Delfim Santos demorou-se cerca de 10 dias em Paris e deixou-se seduzir pelos encantos das livrarias e alfarrabistas parisienses, onde se respirava Filosofia. Mas a estadia em Paris haveria de ficar marcada por um outro acontecimento de considerável repercussão

<sup>1</sup> Publicado em Revista *Philosophica*, Revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 30 (2007), 245-275.

Texto elaborado no decorrer dos trabalhos de preparação da dissertação de doutoramento, ao abrigo de uma bolsa concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

<sup>2</sup> Cf. *Ibidem*, carta n. 15, a Álvaro Ribeiro, de 1 de Abril de 1932, p. 48.

<sup>3</sup> A este propósito, Rui Grácio refere-se a Delfim Santos como “um filósofo sem cátedra”, cf. “O pensamento pedagógico de Delfim Santos”, em *Delfim Santos: Octogésimo Aniversário. Comemoração*, Centro Cultural Delfim Santos, Lisboa, 1990, pp. 55-60.

não só no percurso filosófico do autor portuense, como também nos espíritos de alguns dos seus colegas geracionais: a visita à residência de Henri Bergson.

### 1. A aproximação de Delfim Santos ao bergsonismo

Uma das primeiras publicações de Delfim Santos intitulou-se “Dinamismo Espiritual” e surgiu no início de 1929, num periódico intitulado *Portugal Evangélico*. Por essa altura, o autor contava com apenas 22 anos de idade e frequentava a Universidade de Coimbra. Em pouco mais de página e meia, Delfim Santos constrói um texto de assumida confissão cristã em torno da noção de história e da interpretação que o sujeito constrói dos acontecimentos. Nesse contexto, o pensamento de Henri Bergson figura enquanto principal apoio teórico na apresentação da perspectiva do autor. A brevidade do escrito e a sua própria estrutura formal, composta por pequenos parágrafos de uma única frase cada, aproximam-no mais de um conjunto de anotações do que de uma reflexão filosófica ampla e fundamentada. Contudo, certo é que Delfim Santos escolheu o bergsonismo como modelo de pensamento para a estreia pública da sua “filosofia”.

“Dinamismo Espiritual” denuncia como suprema dificuldade na compreensão dos acontecimentos históricos a leitura fixista que deles necessariamente elaboramos, decomposição rígida e pretensamente definitiva do seu movimento gerador. Tal como o artista plástico que, ao pretender retratar os movimentos coreográficos da bailarina, imobiliza numa visão única e simples aquilo que, originariamente, é múltiplo e complexo, da mesma forma as interpretações históricas dissecam em fracções distintas o fluir temporal. Delfim Santos opõe a invencível tendência da inteligência humana para imobilizar, atitude fragmentária e estática, a uma outra propensão dinâmica que, contrariamente à primeira, busca o processo e não os resultados. É esta a atitude que procura captar a realidade no seu *devenir*<sup>4</sup>, que desce das imagens feitas retiradas da camada superficial dos acontecimentos até ao que lhes subjaz e que é, por isso, irreduzível a teorias e vocábulos.

O autor de “Dinamismo Espiritual” povoa a sua pequena reflexão de imagens e analogias elucidativas, levando-nos a considerar que a influência de Bergson se estende até a um estilo literário de escrita. Um dos exemplos escolhidos para ilustrar a visão tendenciosa que o homem apresenta da realidade consiste numa imagem musical: “Esqueceremos que, como acordes de uma melodia, os momentos antecedentes e seguintes se interpenetram, se sucedem no esvaír escoante do tempo”<sup>5</sup>. Ouvimos ressoar nesta frase as inúmeras páginas do *Essai sur les données immédiates de la conscience*, obra de 1889, em que, a propósito da caracterização dos estados de alma, Bergson explica a sucessão da *duração* enquanto continuidade de interpenetração no tempo por contraposição à simples justaposição espacial de momentos instantâneos. No modo de funcionamento musical, explica Bergson, as notas organizam-se entre si e penetram-se de modo a formarem, em conjunto, uma multiplicidade una e indistinta. Uma multiplicidade que teimamos em espartilhar e cujo fluir permanentemente nos escapa. É a este propósito que o filósofo francês irá referir, anos mais tarde, *os hábitos cinematográficos da inteligência humana*<sup>6</sup> e será levado a concluir que, verdadeiramente, não existem fenómenos, ou seja, factos distintos recortados na continuidade do devir, sendo apenas em relação à inteligência que o real se retalha desta forma<sup>7</sup>.

<sup>4</sup> Delfim Santos utiliza o vocábulo francês.

<sup>5</sup> D. Santos, *Obras Completas*, I, p. 6.

<sup>6</sup> H. Bergson, *Œuvres*, L'Évolution Créatrice, 759.

<sup>7</sup> Cf. *Ibidem*, p. 805.

Já em 1929, Delfim Santos revela algum conhecimento do léxico filosófico bergsoniano. Ainda que de extensão curta, o texto de *Portugal Evangélico* utiliza de forma rigorosa as noções de “vida” e de “matéria” e referencia já o conceito de “élan”, aqui adjectivado como “libertário”. Enquanto impulso que cada homem deve perpetuar em *movimento de profunda interiorização espiritual*, o élan é apresentado por Delfim Santos como um método que experiencia a realidade no domínio da pura interioridade. Ainda que a brevidade do escrito não o permita assumir explicitamente, a identificação do élan com o esforço de antever, nos eventos históricos, a fugacidade da sua essência implica, em última análise, conotá-lo com a atitude que autenticamente capta o impulso originário da realidade. Parece-nos inegável que o ainda pouco tempo de convívio filosófico com Bergson condicionaram a leitura delfiniana e comprometeram a sua interpretação deste conceito em particular, mesclando-o com essoutro de *intuição*. O tempo e o amadurecimento especulativo do pensador português irão orientá-lo, nos anos que se seguem, para um maior rigor e farão do seu espírito, pelo menos até meados da década de 30, o lugar adequado à problematização das principais inquietações assumidas pelo bergsonismo.

### 1.1. A consolidação de alguns conceitos bergsonianos

Não foi, portanto, o episódio do encontro em Paris que marcou o despertar de Delfim Santos para o pensamento bergsoniano. Já antes de 1935, o filósofo português se encontrava a par das principais orientações deste ideário filosófico, em grande parte devido ao influente magistério universitário de Leonardo Coimbra. Segundo as diversas pistas deixadas na correspondência delfiniana, a presença de Bergson enquanto interlocutor privilegiado no seio das digressões filosóficas de Delfim Santos verifica-se já em 1932, precisamente um ano após a conclusão da licenciatura em Coimbra.

A 22 de Fevereiro desse ano, D. Santos desenvolve um entusiástico diálogo epistolar com Álvaro Ribeiro em torno das relações entre a “memória” e a “imaginação”. Ocupado, então, com o estágio pedagógico e com a preparação do exame de Estado para professor liceal - que haveria de concluir dois anos mais tarde -, Delfim Santos escreve ao amigo dando-lhe conta do estado das suas investigações no campo da psicologia acerca dessas duas noções. Para além de se encontrar em processo de estudo da obra de Maine de Biran, confessa ter dirigido igualmente as suas leituras para o pensamento de Aristóteles, mediado pelos trabalhos de Octave Hamelin<sup>8</sup>, e, ao contrário deste último, afirma não encontrar motivos para defender, na obra do filósofo grego, a distinção entre aquelas duas noções. Para além disso, atesta o pensador português, “Bergson leva também à não distinção. A memória motora seria, na sua linguagem, a criação de hábitos contra a imaginação e a outra propriamente a imaginação”<sup>9</sup>. Esta breve passagem permite observar a proximidade de D. Santos com a obra de Bergson, nomeadamente com o desdobramento do conceito de memória presente em *Matière et Mémoire*, de 1896. Bergson concebe, por um lado, um conjunto de mecanismos que asseguram a nossa adaptação às situações presentes recorrendo a experiências passadas, *hábito mais do que memória*, precisa o filósofo; por outro, apresenta-nos o que ele entende por *memória verdadeira*, ou seja, uma potência [*puissance*] que retém e cataloga todos os nossos estados de consciência, à medida que os mesmos se vão produzindo, sendo o repositório de toda esta informação. A primeira, mais preocupada

<sup>8</sup> Filósofo francês que viveu entre 1884 e 1907, O. Hamelin construiu o seu pensamento segundo uma orientação intelectualista, procurando delinear uma perspectiva racional e lógica da existência. Uma das suas obras, publicada a título póstumo em 1931, intitula-se precisamente *Le Système d'Aristote*, devendo ser a ela que se reporta Delfim Santos.

<sup>9</sup> D. Santos, *Obras Completas*, IV, carta n. 13, de 22 de Fevereiro de 1932, p. 45.

com procedimentos, não necessita de recorrer à imaginação; a segunda, espécie de arquivo de uma imensidão de conteúdos, invoca constantemente o passado sob a forma de imagens.

A familiaridade de D. Santos com estes conteúdos de *Matière et Mémoire* pode parecer desprovida de grande interesse se levarmos em conta dois aspectos importantes: em primeiro lugar, que o livro havia sido publicado há mais de três décadas; e, em segundo, que a elite intelectual portuguesa da época manifestava grande interesse pela produção filosófica francesa, hábito que recuava pelo menos à nossa Geração de 70. Contudo, um outro passo da correspondência delfiniana acrescenta mais alguns dados à tese de que a proximidade entre os dois pensadores não assume um registo meramente superficial: no primeiro dia de Abril do mesmo ano de 1932, Delfim Santos trocava impressões com Álvaro Ribeiro acerca da temática religiosa, manifestando a sua indignação diante das afirmações em que o colega apontava o politeísmo como último reduto religioso possível. E, recuando perante as propostas demasiado intelectualistas de A. Ribeiro, replica-lhe: “É só quando o homem ainda não é religioso que valoriza a inserção da inteligência na região da acção – no sentido de Blondel. Será preciso citar os místicos? Será preciso dizer que são eles o tipo do homem religioso activo? (Bergson tem alguma coisa a dizer-lhe a este respeito)”<sup>10</sup>.

Como facilmente se pode depreender, a carta revela quer a grande aproximação, quer o inegável interesse de Delfim Santos pelo pensamento do autor das *Deux Sources de la Morale et de la Religion*, obra de 1932 onde é explorada a temática religiosa, em especial a questão do misticismo, e onde Bergson apresenta a distinção entre as noções de *religião estática* e *religião dinâmica*. Contudo, este excerto ganha ainda maior pregnância se sublinharmos que a referida obra havia sido publicada neste mesmo ano de 1932, o que denota a permanente actualização de D. Santos em relação às publicações do filósofo francês.

As interpretações delfinianas do bergsonismo foram alvo de um longo processo de maturação, sendo-nos hoje possível acompanhar alguns dos momentos mais importantes dessa caminhada. É o caso de uma outra carta a Álvaro Ribeiro, desta feita de Dezembro de 1932, em que Delfim Santos expõe algumas questões de índole epistemológica. O pensador português começa por explicar ao amigo os seus mais recentes interesses no estudo da ciência e a necessidade que encontrava de elaborar *uma crítica ao panmatematismo, à lógica e ao pensamento dedutivo*. A propósito dos equívocos científicos, D. Santos afirma que a orientação do seu pensamento vai no sentido de revalorizar a biologia ou da enunciação de métodos adequados aos fenómenos da vida e, parafraseando o título do livro bergsoniano, afirma existirem *deux sources de la pensée scientifique*<sup>11</sup>. Ainda que se trate de um pequeno trecho epistolar, longe de um adequado desenvolvimento filosófico do tema, é inegável que Delfim Santos nos permite ler nas entrelinhas um assumido parentesco com as linhas de força orientadoras da filosofia de Bergson, mormente com uma das ideias-chave de *L'Évolution Créatrice*: a clara distinção entre as estruturas constitutivas das ciências físicas e matemáticas, dirigidas para leituras fixas e estáticas do Universo, e o modo de funcionamento das chamadas ciências da vida, que impulsionam uma abordagem dinâmica dos seus objectos de estudo.

Mas Delfim Santos não se limita a fornecer-nos inúmeras provas do seu à-vontade em relação aos conteúdos propriamente ditos da filosofia bergsoniana. Também em relação à génese e contextualização da mesma, o pensador português revela um domínio considerável. D. Santos não só reconhece na filosofia de Bergson a influência de nomes

<sup>10</sup> D. Santos, *Obras Completas*, IV, carta n. 15, de 1 de Abril de 1932, pp. 48-49.

<sup>11</sup> *Ibidem*, carta n. 22, pp. 56-57.

como Jules Lachelier, pensador a quem é dedicado o *Essai sur les données immédiates de la conscience*, e Émile Boutroux, como chega inclusivamente a ocupar-se do estudo das obras dos dois autores<sup>12</sup>.

## 2. A sedimentação da filosofia de Bergson nos escritos de Delfim Santos

Para além dos vestígios do pensamento de Bergson mencionados quer na correspondência, quer nos primeiros escritos de Delfim Santos, em Junho de 1933 surge, na *Presença*, um texto intitulado “Dialéctica Totalista”. Nesta reflexão, publicada ainda antes da visita à residência do filósofo francês, Delfim Santos perspectiva o afastamento que se vinha a operar no domínio filosófico face à lógica presente nas formulações de teor mecanicista, no que respeitava a pensar os domínios da Vida. Ainda que não cite explicitamente o nome de H. Bergson, o artigo revela uma aproximação intencional entre a visão de Delfim Santos e o pensamento de feição espiritualista<sup>13</sup>. O autor vincula aí a ideia de que o universo natural caminha no sentido de um processo gradual de espiritualização, tese que se encontra em perfeita sintonia com essa corrente da filosofia francesa. Segundo o espiritualismo, reside no espírito a explicação última da natureza, e o homem constitui-se como o único organismo capaz de garantir a passagem das formas inconscientes à plena e completa consciência.

Torna-se imediata a aproximação entre este excerto de “Dialéctica Totalista” e as palavras de *La Conscience et la Vie*, texto de 1911, onde Bergson apelida o homem de *grande triunfo da vida*<sup>14</sup>, ou então com as páginas de *L'Évolution Créatrice* onde o filósofo afirma que é só com o homem que a consciência quebra os grilhões que a mantinham cativa nos determinismos biológicos e, conseqüentemente, se liberta: “Em qualquer outro lado que não no homem, a consciência se viu encurralada num impasse; só com o homem ela conseguiu prosseguir o seu caminho. O homem continua, então, indefinidamente o movimento vital, ainda que ele não traga consigo tudo aquilo que a vida contém em si mesma”<sup>15</sup>.

Através de uma apologia daquilo a que apelida como *a filosofia biológica*, Delfim Santos faz eco dos contributos de nomes como Colin, Driesch ou Cuénot, que ele considera co-responsáveis pelo projecto de libertação da biologia face a leituras determinísticas e estanques, projecto que, segundo a sua perspectiva, urgia ser adoptado pela própria filosofia. A biologia moderna é, então, apresentada como expressão por excelência das novas tendências que a ciência da época vinha paulatinamente a assumir, tendências estas que englobavam, por exemplo, o princípio de indeterminação e o critério de incerteza na física, e que se afastavam da clássica atitude *dominadora e exclusivista* dos homens de ciência do século anterior, escravos do mecanicismo. Delfim Santos desenvolve uma defesa do organismo sobre o mecanismo, insistindo que a renovação do pensamento vitalista passa pelo reconhecimento do perigo inerente à utilização hegemónica de noções matemáticas nos domínios concretos da vida. À semelhança de Bergson, o artigo refere-se à geometria como a *ciência do inerte*, aproximando-se da tese bergsoniana de que o parentesco entre o procedimento lógico-geométrico e a matéria inerte impede que os fenómenos evolutivos constitutivos da vida possam ser submetidos a um tratamento matemático. O lema de uma filosofia à imagem

<sup>12</sup> Cf. D. Santos, *Obras Completas*, IV carta n. 42, a José Marinho, de 12 de Junho de 1935, p. 88.

<sup>13</sup> José Marinho não tem dúvidas em afirmar a proximidade dos conteúdos deste texto ao pensamento de Bergson, cf. “Delfim Santos e a filosofia situada”, em *Estudos sobre o pensamento português contemporâneo*, p. 112.

<sup>14</sup> H. Bergson, *Oeuvres*, *La Conscience et la Vie*, p. 834.

<sup>15</sup> “Partout ailleurs que chez l’homme, la conscience s’est vu acculer à une impasse ; avec l’homme seul elle a poursuivi son chemin. L’homme continue donc indéfiniment le mouvement vital, quoiqu’il n’entraîne pas avec lui tout ce que la vie portait en elle”, *Ibidem*, *L’Évolution créatrice*, pp. 720-721.

da biologia, que animou muitos pensadores do início do século XX - a começar por Bergson - encontra, assim, em Portugal um fervoroso adepto. Como exemplo desta viragem filosófica, Delfim Santos enuncia no seu artigo alguns nomes como Heidegger, Scheller, Whitehead, Le Roy ou Leonardo Coimbra, sendo perfeitamente legítimo acrescentarmos o do autor de *L'Évolution Créatrice*, sobretudo se tivermos em conta quer a afinidade confessada entre Bergson e Whitehead – que Delfim Santos viria a confirmar pessoalmente três anos mais tarde no encontro que teve com Bergson -, quer especialmente a presença substancial do bergsonismo no pensamento de Édouard Le Roy, cuja obra filosófica se assume, na sua grande maioria, como uma explanação crítica das posições estruturais da filosofia de Bergson.

Apesar de temporalmente situado nos escritos de juventude do filósofo, o opúsculo “Dialéctica Totalista” apresenta, nalguns aspectos, os núcleos embrionários do que viria posteriormente a constituir-se como a filosofia delfiniana. É o caso da recusa categórica de uma concepção fechada e parcelar da realidade e do homem em prol da abertura ontológica às diversas manifestações da existência. A noção de vida é aí sinónimo de *dependência total, recíproca e solidária com tudo e com todos* e o carácter específico da humanidade é identificado com os conceitos de correlação e de solidariedade. Seja a nível biológico, social ou ético, o homem garante a sua especificidade constitutiva pela manifestação constante de um modo de ser em relação, de uma modalidade aberta da existência. Esta perspectiva organicista ou *totalista*, como lhe chama o autor, mantém-se como um dos *leitmotif* da sua filosofia posterior. Vamos encontrá-la, por exemplo, no escrito *Situação Valorativa do Positivismo*, de 1938, relatório das actividades desenvolvidas ao abrigo da bolsa de estudos em Viena. Ao analisar as orientações do neo-positivismo, o autor recusa a elaboração quer de um discurso parcelar pautado por um tom exclusivamente apologético quer, pelo contrário, por uma perspectiva puramente crítica. D. Santos procura situar a inclinação positivista diante do programa de estudos que a orienta e dos resultados que a mesma atinge reconhecendo, deste modo, o que contém de legítimo e justificado, mas também os aspectos onde a sua actividade encontra limites intransponíveis. No final do percurso deste texto de 1938, o filósofo português encontra como conclusões quer a natureza relativa das leituras que o sujeito elabora sobre a realidade - face àquilo que ela de facto é -, quer a necessidade de perspectivar esses diversos pontos de vista de uma forma dinâmica e orgânica. Neste contexto, D. Santos denuncia “a intromissão abusiva do pensamento na realidade e a sua vanglória na afirmação de que as criações do pensamento correspondem identicamente aos objectos do mundo real por ele pensados”<sup>16</sup>. Por detrás das suas palavras, é possível reconhecer a caracterização bergsoniana da potência intelectual e a chamada de atenção levada a cabo pelo filósofo francês face à intransponível dificuldade inerente à reflexão humana perante uma concepção integral e autêntica da realidade. Bergson apela para as limitações intelectivas e, nesse contexto, concebe a actividade filosófica precisamente como a inversão do sentido habitual do pensamento<sup>17</sup>.

Mesmo depois da saída de Portugal, a filosofia de Delfim Santos trará sempre como um dos seus estandartes a compreensão pluralista do ser e a conseqüente consciência clara das diversas dimensões estruturantes da realidade<sup>18</sup>. A nosso ver, esta

<sup>16</sup> D. Santos, *Obras Completas*, I, p. 182.

<sup>17</sup> H. Bergson, *Œuvres*, Introduction à la Métaphysique, pp. 1421-1422.

<sup>18</sup> Num texto de tributo a Delfim Santos, escrito no ano da sua morte, J. Marinho caracteriza o pensamento de juventude do discípulo como uma *dialéctica da pluralidade* que, na sua fase de maturidade filosófica, se constituiu numa *fenomenologia da pluralidade*, cf. “A ontofenomenologia em

consideração pela *unidade orgânica*<sup>19</sup> do real, já presente em textos como “Dinamismo Espiritual”, de 1929, e “Dialéctica Totalista”, de 1933, e que acompanha Delfim Santos até aos seus escritos de cariz pedagógico, paga um irrecusável tributo a Bergson.

### 2.1. O encontro em Paris

Nascido no mesmo ano em que Bergson fazia publicar *L'Évolution Créatrice*, em 1907, Delfim Santos experienciou uma adolescência e uma juventude perturbadas pela morte do pai e, aos 27 anos de idade, encontrava-se na posse das habilitações de professor liceal. É no ano seguinte que, a caminho de Viena, o filósofo permanece uns dias em Paris. Na sua mente ecoava um dos nomes da filosofia francesa da época que Delfim Santos mais respeitava e, paulatinamente, despertava na sua vontade o acalentado desejo de ir ao encontro desse grande vulto: Henri Bergson, então com 76 anos de idade e num estado de saúde já reconhecidamente debilitado. Na primeira carta que lhe dirige, Delfim Santos confessa ser-lhe impossível estar em Paris sem procurar Bergson e sem tentar informar-se sobre o seu estado físico<sup>20</sup>. A força que imprimiu às palavras desta primeira missiva haveriam de permitir a Delfim Santos desfrutar *da grande hora e meia da sua vida*<sup>21</sup>.

É assim que, aos seis dias do mês de Outubro de 1935, após ter descoberto na livraria Alcan onde morava o filósofo francês, Delfim Santos se dirige ao número 47 do Boulevard du Beauséjour, com um espírito ansioso e repleto de emoção, na esperança de ver e conversar com Bergson. Na célebre carta que imediatamente escreve a J. Marinho a relatar tão venturoso evento – carta, aliás, de grande qualidade literária – Delfim Santos começa por dar conta da comoção que a simples contemplação da residência de Bergson fez despertar no seu espírito. A descrição do edifício não só faz jus aos seus excelentes dotes de escritor, como também pode ser perfeitamente apropriada por qualquer um de nós que hoje percorra as mesmas ruas em busca da mesma residência.

A casa, situada num bairro retirado do centro e numa rua sossegada e não larga, só com casas de um lado tendo em frente árvores ricas de frondes verdes que se dirigem para as janelas, é grandiosa, de janelas bem abertas, clara, o interior pintado de branco, portais envidraçados e uma bela porta de linhas rectas, como são todas as linhas desta casa moderna e *chic*. Em frente, e só separado por uma linha eléctrica de comboios, está o majestoso *Bois de Boulogne* com uma vida vegetal forte, rica, parecendo querer negar o seu torpor e afirmar agressivamente uma forma superior de *élan vital*<sup>22</sup>.

O que começa por ser apenas uma descrição física de grande valor estético, afirma-se, à luz da análise aqui ensaiada, como uma garantia da forte sintonia entre ambos os pensadores, uma espécie de palavra-passe codificada em que Delfim Santos, prestes a aceder ao reduto físico do seu *cher Maître* – como directamente lhe chama -,

Delfim Santos”, em *Estudos sobre o pensamento português contemporâneo*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1981, p. 120.

<sup>19</sup> D. Santos, *Obras Completas*, I, p. 171.

<sup>20</sup> Esta carta e outra datada de um mês mais tarde encontram-se actualmente na Bibliothèque Littéraire Jacques Doucet, em Paris, com a referência BGN-2209<sup>3</sup>/II-BGN-VI e estão ainda inéditas. Contudo, segundo informações colhidas na correspondência do autor, é muito provável que uma cópia da primeira tenha circulado, em Portugal, por alguns amigos de Delfim Santos. Os dois documentos foram por nós consultados no estudo que empreendemos do espólio do filósofo.

<sup>21</sup> *Ibidem*, IV, carta n. 45, a Álvaro Ribeiro, de 6 de Outubro de 1935, p. 99.

<sup>22</sup> *Ibidem*, carta n. 44, de 8 de Outubro de 1935, p. 91.

assume e revela quer a sua formação bergsoniana, quer um elevado conhecimento acerca dos fundamentos desta filosofia. A nossa argumentação não se encontra apenas cingida à utilização sintáctica da palavra “élan”, conceito maior da filosofia de Bergson e que, por isso, poderia ser facilmente alvo de um reconhecimento generalizado e sem grande aprofundamento, mas estende-se ao que verdadeiramente subjaz à narração de Delfim Santos: uma compreensão e um domínio claros da distinção entre as noções de *vida vegetativa*, *vida instintiva* e *vida racional*.

“Torpor”, “instinto” e “inteligência” consistem nos elementos constituintes do impulso vital comum a todos os seres vivos. Definem-se como três direcções divergentes de uma mesma actividade evolutiva que, sendo obrigada a cindir-se pelo confronto com a matéria, decompõe esse impulso em três tendências diferenciadas. Na linguagem de cariz literário em que educa os seus leitores, sem nunca sacrificar o rigor imprescindível ao discurso filosófico, Bergson refere-se a este élan com a imagem metafórica de uma forte corrente de ar que percorre um cruzamento: “[...] o élan original é um élan comum e, quanto mais remotamente nos reportarmos, tanto mais as diversas tendências aparecem como complementares umas das outras. Tal como o vento que atravessa um cruzamento se divide em divergentes correntes de ar, que não são mais do que um só e mesmo sopro”<sup>23</sup>. O élan vital, sendo responsável pela demarcação entre as espécies, uma vez que é causa profunda das variações regularmente difundidas, é simultaneamente garante de unificação ontológica entre tudo aquilo que tem vida. Demasiadamente próximo dos versículos iniciais do Livro dos Génesis para que a analogia passe despercebida, o filósofo refere-se neste excerto à actividade primeira que tudo habita, caracterizada como originariamente simples<sup>24</sup>, como *um só e mesmo sopro*.

De regresso à descrição epistolar de que partimos, Delfim Santos expressa, por um lado, o carácter *visível* do élan vital, expresso nas árvores majestosas do bosque, e, por outro, a sua permanente dinâmica evolutiva em direcção a formas cada vez mais elevadas. E é curioso o emprego do advérbio “agressivamente” pelo pensador português, que, mais uma vez, atesta o seu pleno conhecimento da doutrina bergsoniana. De facto, a actividade do impulso inicial não se cumpre de forma plácida e serena, mas, pelo contrário, afirma-se como um permanente combate diante dos obstáculos levantados pelo mundo material que, por sua vez, a impedem de manifestar a plenitude do seu ímpeto criador originário. Este aspecto fica, de resto, bem patente na recorrente metáfora bélica da qual Bergson se socorre em *L'Évolution Créatrice*, por exemplo, quando se refere ao princípio vital como “um exército de pequenos obreiros”<sup>25</sup>, quando descreve a humanidade enquanto “um imenso exército que galopa ao lado de cada um de nós”<sup>26</sup> ou, numa passagem mais representativa, ao retratar a própria evolução do mundo organizado: “[...] o élan é finito e foi dado de uma vez por todas. Ele não pode ultrapassar todos os obstáculos. O movimento que imprime é ora

<sup>23</sup> H. Bergson, *Œuvres*, *L'Évolution Créatrice*, p. 538: “[...] l'élan originel est un élan commun et que, plus on remonte haut, plus les tendances diverses apparaissent comme complémentaires les unes des autres. Tel, le vent qui s'engouffre dans un carrefour se divise en courants d'air divergents, qui ne sont tous qu'un seul et même souffle”.

<sup>24</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 803/804. Nestas páginas finais de *L'Évolution Créatrice*, Bergson já não fala de *élan*, mas de *espírito*. Sublinhe-se que, ainda em relação à analogia com o Génesis, no antigo hebraico as palavras “vento”, “sopro” e “espírito” diziam-se da mesma forma. Judeu atento durante grande parte da sua vida, católico por inspiração íntima numa fase de maior maturidade, é muito provável que Bergson tenha sido influenciado por este parentesco conceptual.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 686.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 725.

desviado, ora dividido, sempre contrariado, e a evolução do mundo organizado não é mais do que o desenrolar desta luta”<sup>27</sup>.

Porém, a primeira tentativa de Delfim Santos para falar com Bergson não é plenamente sucedida e quem o recebe é Madame Louise Bergson, que justifica a impossibilidade do encontro com o estado de saúde do marido. Delfim Santos retira-se da residência do filósofo com alguma satisfação pelo muito que já tinha alcançado, mas decidido a chegar ainda mais perto do *Mestre*. É então que, nesse mesmo dia 6 de Outubro de 1935, do Hotel Trévisse onde se encontrava instalado, Delfim Santos dirige a Bergson uma carta onde confessa o desejo de ver o homem que seria, na sua opinião, *o mais profundo pensador do nosso tempo*<sup>28</sup>. Documento de excelente qualidade para o estudo da influência de Bergson no pensamento português da época, esta carta é uma declaração confessa do valor conferido pelos discípulos de Leonardo Coimbra ao pensamento de Bergson. A curiosidade filosófica que animava esta geração levava-a a seguir tudo aquilo que sobre Bergson se publicava, em especial as obras de Jacques Chevalier e de Edouard Le Roy, bergsonistas confessos. Delfim Santos informa Bergson sobre a popularidade que a sua personalidade e filosofia gozavam em Portugal e dá-lhe conta da existência de professores de filosofia portugueses que se assumiam como autênticos discípulos do mestre francês. Abertamente, fala-lhe da filiação bergsoniana da obra de Leonardo Coimbra, do intenso estudo que o mesmo havia elaborado sobre a filosofia de Bergson e de como o seu magistério orientava toda uma geração de pensadores para as principais inquietações filosóficas do projecto bergsoniano. Uma vez mais, ressalta à vista que o grande objectivo de Delfim Santos residia na sua missão mediadora, advertindo *o mais profundo pensador do nosso tempo* acerca do trabalho realizado em prol da filosofia bergsonista pelo *mais profundo pensador português de hoje: Leonardo Coimbra*<sup>29</sup>.

Delfim Santos termina a sua primeira carta manifestando algum pesar pelo desencontro, mas contente por ter ao menos estado perto de Bergson, por ter tido a possibilidade de conhecer a esposa do filósofo – tal como se lhe refere, a pessoa que havia permitido, ao acompanhar Bergson, a concretização de toda a sua obra – e acrescenta a esperança acalentada de ainda conseguir conversar com o Mestre.

De tal modo a carta deve ter impressionado Bergson que, no dia seguinte, a 7 de Outubro, Delfim Santos recebeu, com extrema comoção, um telefonema de Madame Bergson a marcar uma reunião com o marido para o dia 8<sup>30</sup>. Não estaremos a exagerar

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 710: “[...] élan est fini, et il a été donné une fois pour toutes. Il ne peut pas surmonter tous les obstacles. Le mouvement qu’il imprime est tantôt dévié, tantôt divisé, toujours contrarié, et l’évolution du monde organisé n’est que le déroulement de cette lutte”.

<sup>28</sup> No Outono de 1938, três anos decorridos após o encontro com Bergson, Delfim Santos publica na revista *Luminar*, no México, um artigo em que descreve este mesmo encontro e cujo conteúdo se aproxima grandemente da carta enviada para Portugal. Porém, nesse escrito, talvez devido ao distanciamento que o tempo e o contacto com o pensamento alemão proporcionaram, Bergson é já mencionado como “el más grande filósofo de nuestro mundo latino actual”, D. Santos, *Obras Completas*, I, p. 197.

<sup>29</sup> Pelo quarto parágrafo da carta n. 46 de Delfim Santos a José Marinho, possivelmente de Novembro de 1935, percebe-se que a atribuição a Leonardo Coimbra do epíteto de “mais profundo pensador português de hoje” veio a causar alguma polémica no meio português (cf. *Ibidem*, IV, p. 100).

<sup>30</sup> Apenas com base nalgumas conjecturas a que nos permitimos após o estudo destes textos, é bem possível que Bergson tenha antevisto no entusiasmo de Delfim Santos a possibilidade de transformar o visitante num mensageiro que, mais do que levar a sua palavra para destinos distantes, contribuisse para dissipar algumas leituras menos adequadas da sua filosofia que se iam propagando. Esta ideia é-nos sugerida pelo rumo que a conversa assume quando os dois abordam o conceito de intuição. Para além disso, é o próprio Delfim Santos que reconhece a singularidade do acontecimento, uma vez que, devido ao seu estado de saúde, Bergson não recebia ninguém (cf. nossa nota 45).

se atribuirmos feições quase místicas ao estado de espírito de Delfim Santos no momento do encontro. É, aliás, ele próprio quem o insinua: “Há um misto de tristeza profunda, dolorosa e de emoção crescente de *joie* espiritual neste contacto de êxtase”<sup>31</sup>. Mais uma vez, a escrita delfiniana fornece-nos uma ponte subtil entre o espírito do seu autor e o bergsonismo, precisamente através do conceito de alegria (*joie*) que o próprio tem o cuidado de sublinhar. Por detrás de um simples desassossego interior, perfeitamente compreensível no âmbito de uma juventude (etária e filosófica) que se contemplava diante de um nome sonante do pensamento internacional da época, Delfim Santos derrama a semente do seu crescente interesse pela filosofia de Bergson na utilização do conceito de *alegria*.

Esta noção, tal como é descrita em *La Conscience et la Vie* - conferência proferida por Bergson em 1911-, assume um papel de relevo na mundividência do filósofo por representar o sinal que nos é fornecido pela natureza sempre que o sentido final da vida se cumpre. Quando Bergson se refere à significação última da existência, ao êxito supremo da vida, é para o conceito de *criação* que o seu pensamento aponta. E esta acção de “chamar qualquer coisa à vida” não se aplica apenas em momentos de grandeza moral ou de invenção artística. Seja no caso de uma mãe diante do filho que criou física e moralmente, seja no de um comerciante face ao florescer dos seus negócios, de um artista que põe em prática uma ideia concebida ou do cientista a braços com uma nova descoberta<sup>32</sup>, em todas estas situações, atesta Bergson, se experimenta uma alegria grande, verdadeira, triunfal, divina: “Aquele que está seguro, absolutamente seguro, de ter produzido uma obra viável e durável, esse não tem já qualquer necessidade do elogio e sente-se acima da glória, porque ele é criador, porque o sabe, e porque a alegria que experimenta é uma alegria divina”<sup>33</sup>. A certificação interior da chegada ao cume do percurso da vida, a concretização plena do acto criador, é caracterizada em *Le Possible et le Réel* - ensaio de 1930 - como a experiência do absoluto na realidade quotidiana, a revelação, ao alcance de cada um de nós, da movente originalidade das coisas. Ao mesmo tempo que nos inunda de uma suprema alegria, este encontro com o absoluto fortalece-nos de dentro para fora ao fazer-nos participantes da grande obra de criação originária, permite-nos assumirmos a criação de nós mesmos e abre-nos para a dimensão do bem agir.

É como se estivesse face a esta revelação originária que Delfim Santos se sente quando, por fim, vislumbra Bergson e com ele enceta hora e meia de diálogo. A já referida carta a José Marinho datada de 8 de Outubro<sup>34</sup> e outra a Álvaro Ribeiro, escrita oito dias depois, dão conta de toda a ambiência, bem como das temáticas enunciadas e do rumo que a conversa assumiu. O estado de saúde do filósofo francês impressionou

<sup>31</sup> D. Santos, *Obras Completas*, IV, carta n. 44, a José Marinho, de 8 de Outubro de 1935, p. 91.

<sup>32</sup> Os exemplos citados são do próprio Bergson.

<sup>33</sup> H. Bergson, *Œuvres*, *La Conscience et la Vie*, p. 833 : “Mais celui qui est sûr, absolument sûr, d’avoir produit une œuvre viable et durable, celui-là n’a plus que faire de l’éloge et se sent au-dessus de la gloire, parce qu’il est créateur, parce qu’il le sait, et parce que la joie qu’il en éprouve est une joie divine”.

<sup>34</sup> O próprio Delfim Santos se surpreende com o efeito que esta primeira carta escrita a Bergson produziu no meio português. De tal forma que, de Portugal, surge o pedido para a publicação da sua *epístola reveladora*, como ele próprio a apelida. Delfim Santos opõe-se de imediato, receando o tom demasiado “afectivo” da carta e afirma que contava ainda voltar a visitar Bergson, só depois se justificando uma publicação sobre o autor, (D. Santos, *Obras Completas*, IV, pp. 100-101). Acrescenta-se, desde já, que o segundo encontro planeado com Bergson nunca chegou a realizar-se. Numa carta de 22 de Agosto de 1937, escrita a José Marinho a propósito do Congresso Descartes, Delfim Santos afirma no *Post-scriptum* que um grande cansaço físico e emocional o havia feito sair de Paris mais cedo do que tinha inicialmente planeado e que, por essa razão, não tinha visitado *ainda* Bergson, (cf. D. Santos, *Obras Completas*, IV, p. 140). Será que, dois anos decorridos, D. Santos não encontra já nas suas novas orientações especulativas um incentivo suficiente para dar continuidade ao diálogo com Bergson?

duplamente D. Santos: por um lado, pelo contraste entre o vigor espiritual e a degradação física do homem e, por outro, pela forma como Bergson contornava essa dificuldade e se entregava à conversa com toda a simpatia e elevação. O relato delfiniano vai ganhando em densidade especulativa e, nalguns parágrafos, pode mesmo assumir-se como um instrumento metodológico de inestimável valor no estudo do percurso do próprio Bergson. O pensador francês tece considerações sobre o estado actual da filosofia, sobre nomes do pensamento e da cultura da época, sobre o método com que realizava e produzia os seus trabalhos, sobre o futuro da própria filosofia. No artigo para a revista *Luminar* que descreve o encontro, Delfim Santos revela uma certa inquietação que o Mestre lhe havia confiado diante dos equívocos difundidos na época sobre alguns dos conceitos fundamentais da sua filosofia, em especial sobre o conceito de *intuição*, a que adiante regressaremos.

A possibilidade excepcional de ouvir o filósofo falar da sua obra fez de Delfim Santos um caso único no panorama contemporâneo português, concedendo-lhe um outro olhar sobre o pensamento de Bergson. Cerca de um mês mais tarde, já na posse do exemplar da obra *A filosofia de Henri Bergson* de Leonardo Coimbra que havia prometido enviar a Bergson, Delfim Santos dirige nova missiva ao filósofo francês, aproveitando o momento para fazer o balanço do encontro de Outubro. É então que confessa que a audição das suas explicações consistiu, para ele, na revelação da unidade profunda da sua obra, e que a simples contemplação da imagem do filósofo o ajudou a procurar a intuição radical do seu pensamento. O entusiasmo empurrava Delfim Santos para o rasto de Bergson, chegando mesmo a confessar ao pensador de *L'Évolution Créatrice*, nessa carta de Novembro de 1935, encontrar-se a preparar um pequeno ensaio sobre a sua filosofia, contando utilizar para o efeito os próprios relatos aquele lhe havia feito na primeira pessoa. Três anos mais tarde, em carta a Pedro Gringoire, responsável pela revista *Luminar*, ao disponibilizar o seu artigo sobre a visita ao filósofo francês para o volume que aquele periódico estava a organizar em homenagem a Bergson, Delfim Santos é peremptório no balanço que faz acerca da importância e da singularidade do encontro, sublinhando que Bergson dificilmente recebia visitas.

O trabalho sobre a filosofia de Bergson nunca chegou a ver a luz do dia. Porém, as referências ao *maior filósofo do mundo latino actual* não deixaram de ser uma constante ao longo do percurso filosófico de Delfim Santos.

### 3. Depois do encontro: ecos que perduraram

O efeito que a conversa com Bergson provocou no pensamento de Delfim Santos ter-se-á estendido para lá deste ano de 1935, tendo sido provavelmente sempre por ele iluminado e esclarecido. Todavia, é inegável o desvanecimento de grande parte do entusiasmo que encontramos nas linhas epistolares daquela época. O amadurecimento filosófico do pensador português, propiciador de um maior distanciamento crítico, e o estudo intensivo e continuado de outras correntes filosóficas da época, mormente pertencentes à filosofia alemã, permitiram a descoberta de novas formas de pensar e proporcionaram uma renovada disposição e arranjo das problemáticas e temáticas especulativas. Assim sendo, a mudança gradual de atitude que verificamos nos escritos de Delfim Santos face à filosofia de Henri Bergson concretiza-se com uma certa naturalidade.

A análise aos textos delfinianos onde Bergson e/ou o bergsonismo são mencionados, após 1935, sugere-nos uma divisão dos mesmos em duas fases essencialmente distintas: no primeiro período, compreendido entre o encontro em Paris e meados da década de 40, a filosofia de Bergson é indiscutivelmente apresentada como um momento incontornável do pensamento contemporâneo. Esta é a época em que as

sementes lançadas até ao momento do feliz encontro produzem frutos evidentes. No segundo período, que compreende toda a década de 50, as ocorrências do bergsonismo nos textos de Delfim Santos surgem em grande parte a propósito da filosofia de Leonardo Coimbra e com o intuito fundamental de acentuar o antibergsonismo do antigo Mestre português. Esta época coincide com a recusa e a desvalorização filosófica delfiniana diante do pensamento francês, em prol de outras expressões especulativas como sejam a inglesa e, sobretudo, a alemã e, nesse contexto, a filosofia de Bergson surge já no horizonte de uma atitude totalmente distinta, tornando-se alvo de uma crítica acesa e generalizada<sup>35</sup>.

Leonardo Coimbra havia falecido prematura e inesperadamente em 1936, resultado de um fatal acidente de viação, e seria necessário que decorressem alguns anos para que a cultura portuguesa, feito o luto do pensador, permitisse o afastamento necessário à realização de diversas iniciativas de evocação póstuma. É o caso do volume, aparecido em 1950, *Leonardo Coimbra – Testemunhos dos seus contemporâneos*, onde Delfim Santos apresenta, também ele, uma importante contribuição. Nesta data, e já com um pensamento plenamente desenvolvido, maturado nos grandes centros de cultura filosófica germânica e resultado do estudo ao lado de nomes como Schlick, Husserl ou Hartmann, Delfim Santos adopta posições radicalmente distintas daquelas que havia exibido na década de 30.

Para além disso, recorde-se que a partir de 1943 a carreira académica do autor de *Fundamentação Existencial da Pedagogia* sofre uma alteração de sentido, uma vez que se torna 1º assistente de ciências pedagógicas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Do árduo processo das relações entre Delfim Santos e a instituição universitária filosófica portuguesa, já acima referenciado, resultou um desvio para a área de estudos da pedagogia. Assim sendo, ainda que jamais tenha renunciado aos seus interesses filosóficos ou à presença da filosofia na sua produção bibliográfica, certo é que a partir dessa época - com maior expressão depois de 1950, ano em que Delfim Santos sobe à cátedra em Ciências Pedagógicas -, o seu *corpus* textual desenvolve-se substancialmente em torno de obras com uma acentuada feição didáctico-pedagógica<sup>36</sup>. Trata-se, inegavelmente, de uma viragem perfeitamente justificável se levarmos em conta as exigências que uma carreira académica a este nível acarreta. Assim sendo, a

<sup>35</sup> Uma vez que estudamos aqui o percurso mental de um pensador, é certo que esta divisão temporal dos seus textos pode insinuar uma certa arbitrariedade. Porém, sublinhamos, ela é meramente o resultado de uma análise hermenêutica dos textos do autor, orientada por um objectivo específico, e não oculta qualquer pretensão de querer impor-se como indiscutível grelha de leitura *a priori* do percurso mental de Delfim Santos.

<sup>36</sup> Cristiana A. S. Paszkiewicz acompanha a posição de alguns comentadores da filosofia delfiniana como, por exemplo, José Marinho, e afirma que a dimensão pedagógica do pensamento de Delfim Santos não se deve exclusivamente às imposições inerentes à sua situação académica, mas que o seu pensamento filosófico tendeu naturalmente para uma antropologia filosófica, sendo esta a base do seu pensamento pedagógico, cf. *A filosofia pedagógica de Delfim Santos*, INCM, Lisboa, 2000; Idem, “A filosofia em Delfim Santos: trajectória de um pensamento”, em *História do Pensamento Filosófico Português*, dir. de Pedro Calafate, volume V: o século XX, tomo 2, Caminho, Lisboa, 2000, pp. 425-433.

Esta é, sem dúvida, uma posição permitida e até sugerida pela análise dos conteúdos da obra do autor. Porém, não podemos deixar de reiterar que, a nosso ver, a situação académica que se deparou a Delfim Santos terá catalisado um processo que, de outro modo, não teria sido cumprido da mesma forma. Basta que levemos em conta que as motivações académicas e os estímulos especulativos inicialmente sofridos pelo filósofo português, que ele magistralmente assimilou e desenvolveu na sua obra, pouco ou nada tinham a ver com a área da pedagogia. Acrescenta-se apenas um último argumento a favor da nossa posição: o ano de 1943 assinala, para D. Santos, quer a sua nomeação como 1º assistente de ciências pedagógicas, quer a sua primeira publicação que assume explicitamente uma temática educativa. Referimo-nos ao texto “A finalidade da educação”, que veio a lume em Fevereiro desse ano, no *Diário Popular* de Lisboa.

nossa proposta hermenêutica limita o segundo período de análise dos textos delfinianos no final da década de 50, ainda que o autor apenas tenha falecido em 1966, precocemente, à semelhança do sucedido com o seu mestre Coimbra.

### 3.1. Entre Paris e os anos 40

Um dos aspectos que tornou característico o itinerário intelectual de Delfim Santos prende-se com a forma como o percurso geográfico cumprido pelo filósofo contribuiu largamente para o delinear das suas escolhas filosóficas. Segundo o que afirma na primeira carta a Bergson, em 1935, D. Santos confessa não ter sido sua a opção pelo estudo do movimento neo-positivista vienense, tendo inicialmente considerado desinteressante a tarefa a que a bolsa se destinava. A caminho da Áustria, o pensador português transportava apenas a certeza de que, com a investigação que estava prestes a iniciar, iria ao menos cumprir um trabalho de cariz filosófico. E, desta feita, à saída das fronteiras portuguesas, Delfim Santos mantinha explícitas as orientações filosóficas com que se havia formado na Universidade de Coimbra. Por aquilo que hoje sabemos acerca da sua estadia em França, podemos concluir que nutria uma profunda simpatia para com o pensamento de feição espiritualista e que, conseqüentemente, concordava com as linhas de força do bergsonismo. As duas cartas endereçadas de Viena a Álvaro Ribeiro, ainda no decorrer do ano de 1936, onde os comentários urdidos em torno de Bergson se apresentam inteiramente consonantes com o registo testemunhado em Paris, constituem peças fundamentais à compreensão do lugar que aquela filosofia ocupava, na época, no pensamento de Delfim Santos.

Ainda hesitante entre a influência da filosofia francesa - sobejamente conhecida e comentada pela cultura portuguesa responsável pela sua formação académica, mas pouco relevante no meio em que agora se encontrava -, e a filosofia alemã, em que as dificuldades da língua representavam um obstáculo difícil de contornar, Delfim Santos sentiu logo nos primeiros meses após a chegada ao novo país a angústia e o desespero da súbita ausência de referências. “Tendo de lutar nos primeiros meses com uma língua difícil - afirma o pensador - e num período da vida em que, para mim, não tinha sentido vencer dificuldades pelo hábito, pela repetição de coisas não claras e só justificáveis também pelo hábito, passei assim parte do primeiro trimestre oscilante entre a filosofia em francês que me era fácil, e a filosofia em alemão que me era difícil”<sup>37</sup>.

Porém, aos poucos a semente que havia sido lançada à terra foi germinando, habituando-se às novas condições de vida, transformando em solo fértil o que a princípio parecera um chão rochoso e estéril. Delfim Santos assume a sua escolha e deixa-se encantar pelo pensamento alemão, reconhece-lhe o valor e procura aprofundar as estruturas especulativas desta novidade filosófica: “Por fim aboli a filosofia em francês e passei a viver na filosofia em alemão. E assim estou já há tempos naturalmente mais contente e muito mais feliz do que nos primeiros meses”<sup>38</sup>. O pensador compreende não só que o inicial hermetismo do pensamento alemão não passava, afinal, de uma aparência enganadora, como principalmente que seria este o habitat natural adequado ao pleno florescimento do seu pensamento. Desta forma, a sua situação geográfica favoreceu e determinou as inclinações e as escolhas filosóficas assumidas pelo pensador a partir do início da década de 40.

O paralelismo entre o ambiente filosófico em que Delfim Santos se encontrava e as suas próprias inclinações especulativas torna-se tão mais peculiar quanto observarmos a rápida inversão de sentido do seu pensamento. Contudo, na auto-análise empreendida pelo próprio pensador, esta alteração esteve relacionada com uma ordem

<sup>37</sup> D. Santos, *Obras Completas*, IV, carta n. 49, a Álvaro Ribeiro, de 9 de Março de 1936, p. 110.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

de razões que extrapolam o plano do meramente fortuito. “Entrar no mundo germânico para estudar a filosofia alemã pode ser muito justamente a aspiração de *completar* certas ideias que vivem em nós e a que falta *qualquer coisa* para se exprimirem como seria necessário. Foi esse pouco mais ou menos o meu caso”<sup>39</sup>.

Da persistência em manter-se em contacto com a filosofia francesa, Delfim Santos avança para a posição diametralmente oposta e, no período de um mês, evolui do agrado para o desgosto por uma cultura que, aos seus olhos, se constituía por uma camada de *aparência, superficialidade e insinceridade*. Evidenciando um temperamento de carácter hiperbólico, as suas cartas criticam as mais díspares manifestações daquilo a que chama *o espírito francês* e, quanto à filosofia francesa propriamente dita, embora de forma bastante lacónica, contesta a sua obstinação Platão, glosado pelo idealismo cartesiano, em detrimento de Aristóteles.

Apesar de tudo, mesmo diante da sedução e do fascínio da nova amada, Delfim Santos faz a sua profissão de fé filosófica e não deixa que se desvançam algumas das suas antigas relações. Movido com certeza já pelas inclinações neo-positivistas, confessa o interesse subjacente à filosofia de Hume. Contudo, ao elencar os seus filósofos de eleição, menciona Aristóteles, Leibniz, Hegel e *Bergson*<sup>40</sup>. Seguro daquilo que se adequava e interessava ao seu modo de pensar, o autor português considera estar longe de alimentar um adultério filosófico ao insistir em manter o compromisso com ambas as partes. E resolve a questão desvinculando Bergson do pensamento francês: “Bergson, como sabe, não é propriamente um filósofo francês. E é Sérgio quem tem razão quando o critica em nome do *idealismo francês*. E nós não estamos com Sérgio, **porque não estamos com a França**”<sup>41</sup>. O argumento para um corte tão flagrante com a França, e com tudo aquilo que ela representava a nível filosófico, fornece-o Delfim Santos através de Aristóteles, baseando a sua proposta no regresso a uma leitura aristotélica pré-tomista. E relembra que o espiritualismo francês, *a corrente francesa que nos interessa*, segundo as suas palavras, Maine de Biran, Ravaisson, Bergson, se dedicou à meditação do Estagirita. Delfim Santos faz mesmo questão de salientar que a primeira produção académica bergsoniana foi consagrada a Aristóteles, precisamente a tese sobre *L’Idée de lieu chez Aristote*<sup>42</sup>.

Delfim Santos tinha plena consciência de que criticar a França era criticar Portugal, que insurgir-se contra a cultura gálica significava protestar contra a cultura lusa, e sugere, por isso, que o espírito português permute também ele o patronato francês por um patrocínio alemão ou inglês: “(Aqui ninguém compreende que estejamos tão ligados à França). É a filosofia francesa em confronto com a inglesa... Não; *temos* de fazer uma torsão para a Inglaterra ou para a Alemanha. A filosofia francesa é pobre, tem apenas uma linha de evolução. Os grandes problemas estão lá tão diminuídos...”<sup>43</sup>. Só nessa conversão residiria, segundo a sua perspectiva, a salvação da filosofia portuguesa.

A continuação dos estudos de Delfim Santos, as produções filosóficas a que se foi dedicando com o passar dos anos e as cartas que, a partir da Europa, foi endereçando aos seus amigos e colegas geracionais mais próximos, não negaram exibir vestígios e

<sup>39</sup> *Ibidem*, carta n. 50, a Álvaro Ribeiro, de 5 de Abril de 1936, p. 113.

<sup>40</sup> Cf. *Ibidem*, carta n. 49, de 9 de Março de 1936, a Álvaro Ribeiro, p. 111.

<sup>41</sup> *Ibidem*, carta n. 50, de 5 de Abril de 1936, a Álvaro Ribeiro, p. 115.

<sup>42</sup> Ainda sobre esta obra de Bergson, sublinhe-se a seguinte passagem de uma carta de Delfim Santos a Joaquim de Carvalho, que deve certamente alimentar em nós algum orgulho filosófico nacional: “Já em Paris, Bergson, a quem visitei, me tinha dito que para a sua tese de doutoramento sobre Aristóteles tinha lido e estudado com muito proveito os nossos comentadores”, *Ibidem*, carta n. 158, de 12 de Abril de 1940, p. 293.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 115.

marcas indeléveis do significativo à-vontade com que se revestia o seu convívio especulativo com Bergson. Delfim Santos dá mostras de dominar com especial mestria os conceitos fundamentais do pensamento bergsoniano, quer no que respeitava à análise de trabalhos alheios, como é o caso dos comentários que dirige a Sant'Anna Dionísio sobre um livro que o próprio havia escrito; de um congresso internacional de filosofia, como aquele a que assistiu no ano de 1938 em Paris; ou ainda das suas próprias reflexões filosóficas<sup>44</sup>. Através desses escritos é-nos possível compreender que a mundividência bergsoniana nunca deixou de contar entre os formadores do pensamento de Delfim Santos. Atentemos apenas em dois dos muitos exemplos que a sua obra nos legou.

#### a) *Acção e pensamento*

Em 1938, Delfim Santos publicou, de novo na *Luminar*, um testemunho das impressões que lhe causara a presença no IX Congresso Internacional de Filosofia, ocorrido em Paris no ano anterior, também chamado *Congresso Descartes*. Nesse artigo, atribui algum destaque à leitura efectuada por Émile Bréhier de um texto escrito por Bergson para a ocasião, intitulado “Il faut agir en homme de pensée et penser en homme d'action”. Devido à sua incapacidade física para estar presente<sup>45</sup>, Bergson virase na necessidade de se fazer representar, uma vez que assumia o cargo de presidente honorário do evento. A missiva de Bergson representou um dos momentos altos do Congresso, tendo sido *religiosamente* escutada por todos, e consistiu numa nota encomiástica ao espírito e à obra cartesiana. Em relação ao conteúdo do texto, D. Santos considera digno de nota o facto de o seu mote de fundo se encontrar em profundo desacordo com os fundamentos da filosofia de Bergson. Ainda que, neste caso particular, o pensador português pareça manifestar algum *excesso de zelo hermenêutico*, a insurreição contra as directrizes bergsonianas serve como mais um exercício comprovativo da nossa tese.

Segundo Delfim Santos, o pomo da discórdia do texto residia nas noções de *acção* e de *pensamento* que, tal como eram ali apresentadas, contrariavam as orientações ditadas pela obra do filósofo francês. “Agir como homem de pensamento e pensar como homem de acção” era o mote que Bergson vinha agora propor. Se a primeira parte da divisa não se apresentava problemática à interpretação delfiniana, o mesmo já não poderia ser dito em relação à última. *Pensar como homem de acção* era coisa que a Delfim Santos parecia absolutamente em desacordo com o espírito bergsoniano uma vez que, sendo certo que é o pensamento a norma da acção, jamais poderia esta apresentar-se como norma do primeiro:

Pensar “como homem de acção” é, de facto, uma péssima fórmula a propor aos homens. É o pensamento que pode ser norma da acção, mas esta, no sentido moral, não pode ser norma de pensamento. A primeira parte desta fórmula exige talvez demasiado, enquanto que a segunda parte exige muito pouco...<sup>46</sup>

<sup>44</sup> Para além do conhecimento das estruturas conceptuais do pensamento de Bergson, Delfim Santos também demonstra, em diversos momentos, conhecer a fundo as principais obras do autor. Veja-se, a título exemplificativo, *Obras Completas*, I, pp. 262, 301; IV, p. 199.

<sup>45</sup> Recorde-se que, a partir de 1925, Bergson foi atacado por um violento reumatismo que o havia de acompanhar e até à sua morte. Por este motivo, as últimas intervenções públicas do filósofo aconteceram em 1936, precisamente no ano que se seguiu ao encontro com Delfim Santos e um ano antes do Congresso Descartes.

<sup>46</sup> D. Santos, *Obras Completas*, I, p. 204: “Pensar “como hombre de acción” es, de hecho, una pésima fórmula que proponer a los hombres. Es el pensamiento el que puede ser norma de acción, pero ésta, en el

O intérprete português tem em mente, com certeza, páginas onde Bergson estabelece a distinção entre a ordem da acção e a ordem do pensamento, em que explica que, ao nível do agir, o interesse é colocado integralmente no objectivo final que a acção visa cumprir e que, por esse motivo, quando exclusivamente ao serviço da acção, o pensamento centra toda a sua atenção numa visão esquemática e simplificada do acto cumprido ou a cumprir. Desta feita, os diversos movimentos que constituem e possibilitam a concretização desse mesmo acto permanecem absolutamente desconhecidos para a inteligência, que apenas se atém a visões estáveis e fixas: “aquilo que nos interessa, escreve Bergson, é o traçado imóvel do movimento mais do que o próprio movimento”<sup>47</sup>. A acção humana visa, em primeira instância, a satisfação de necessidades vitais, procura corresponder ao critério vital de utilidade e, nesse sentido, a inteligência adopta o ritmo daquela, um ritmo que é essencialmente prático. Mas um ritmo que não serve, de modo algum, à especulação. Se o pensamento perseverar em assumi-lo como procedimento próprio da especulação, achar-se-á enredado em dificuldades incontornáveis – como, aliás, é o caso de algumas filosofias denunciadas por Bergson -, e assemelhar-se-á à teimosia pueril que se decepciona ao persistir em esmagar uma nuvem de fumo apenas com as mãos<sup>48</sup>. Neste seguimento, Delfim Santos conclui que jamais deve o homem ver na acção a norma do pensamento. Contudo, parece-nos que a crítica delfiniana não tem em conta três importantes ordens de razões.

Em primeiro lugar, Delfim Santos parece omitir precisamente as circunstâncias que estiveram na origem da reflexão de Bergson e o tipo de texto de que se trata. Longe do registo maturado das suas obras maiores, o breve discurso para o Congresso revestiu-se de um tom de exortação e tem como objectivo dirigir-se especificamente a profissionais da filosofia, especialistas de todo o mundo reunidos em torno do pensamento cartesiano. Assim sendo, Bergson toma o pensamento e a acção de Descartes como exemplo da atitude que ele considerava urgente face ao mundo de então: a necessidade de moderar a imensa bagagem de descobertas e invenções técnicas com uma boa dose de *energia moral*, a urgência de encontrar um equilíbrio na *monstruosa desproporção existente entre o corpo e a alma da humanidade*. Bergson apresenta a filosofia precisamente como o método adequado à concretização dessa tarefa facilitadora e, através de um mote onde ecoam ecos da identificação ravaissoniana entre o ser do pensamento e a acção, propõe aos filósofos e ao comum dos homens a divisa que ele adjectiva como a mais cartesiana de todas: agir como homem de pensamento e pensar como homem de acção.

Em segundo lugar, parece-nos estranho que não ocorra a Delfim Santos parte da conversa que tivera, poucos anos antes, com Bergson, em que o filósofo francês lhe expunha precisamente as suas inquietações de momento. Este excerto da conversa pode precisamente esclarecer as intenções de Bergson ao escrever semelhante texto ao Congresso. Nessa célebre tarde de 1935, tal como descreveu em carta a José Marinho, Delfim Santos e Bergson trocaram impressões sobre inúmeros assuntos: “A missão do filósofo... a crise actual do mundo, a mocidade que não respeita as coisas respeitáveis... como agir? Há só uma coisa que ele [Bergson] não sabe, não encontrou ainda a solução – é como transmitir à massa os valores espirituais apreendidos por certos homens. Aconselhou-me a não fazer filosofia pura – a voltar-me para a humanidade que sofre

---

sentido moral, no puede ser norma de pensamiento. La primera parte de esta fórmula exige tal vez demasiado mucho, mientras que la segunda parte exige demasiado poco...”.

<sup>47</sup> H. Bergson, *Œuvres*, L'Évolution Créatrice, p. 751 : “[...] ce qui nous intéresse, c'est, comme nous le disions plus haut, le dessin immobile du mouvement plutôt que le mouvement même”.

<sup>48</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 754-755.

uma crise terrível. São precisos *homens – meneurs*<sup>49</sup>. Na ambiência criada por algumas ideias de *Les deux sources de la morale et de la religion*, obra publicada em 1932, Bergson parece ter ocupado grande parte dos seus últimos anos com uma reflexão séria e comprometida sobre o destino do homem contemporâneo, com a necessidade que a humanidade exhibia de condutores e líderes orientados, acima de tudo, por valores espirituais. Condutores que dessem, com a sua própria acção, voz à essência mesma do universo, que prolongassem, com a sua própria vida, a vida íntima que tudo habita. É o próprio Delfim Santos a acentuar a premência desta preocupação bergsoniana quando termina o seu já mencionado artigo da *Luminar* com a ideia que ocupava Bergson na altura: “Estes [os condutores da humanidade] só podem ser recrutados entre os filósofos porque, no fundo, a crise actual provém da falta de claridade nos princípios que orientam a acção humana. E a filosofia deve penetrar na vida, na vida corrente, na vida das coisas pequenas, a fim de que seja possível alguma coisa grande e de sentido humano”<sup>50</sup>.

Em terceiro lugar, Delfim Santos negligenciou talvez o aspecto mais importante que a noção bergsoniana de acção contempla, desenvolvido fundamentalmente em obras como *L'évolution créatrice* e *Les deux sources*. Se é certo que, numa primeira instância, a vida consiste na tendência para agir sobre a matéria bruta e que, conseqüentemente, a acção começa por ser a resposta do ser vivo às solicitações do meio e às exigências das suas próprias necessidades, a noção bergsoniana de acção comporta dois caracteres essenciais: a contingência e a indeterminação. Aliás, a imprevisível variedade de formas anímicas que povoam o nosso planeta dão-nos diariamente a prova de que não existe uma acção absoluta e totalmente predeterminada. Agir é sinónimo de escolher, ainda que essa seja uma escolha relativamente rudimentar, como acontece no caso dos comportamentos animais. E a capacidade de escolha é directamente proporcional ao exercício da consciência, ou seja, ao poder de agir de forma criativa e livre.

Assim sendo, é na acção humana - nível mais elevado da acção<sup>51</sup> e plano onde a consciência se encontra a si mesma -, que se abre a porta da existência para a forma superior e divina de criação moral e religiosa. Aos místicos e homens de excepção, formas superiores do élan vital, Bergson não prescreve a prática especulativa. Pelo contrário, conclui que a metodologia de orientação da humanidade deve ser eminentemente prática, consistindo apenas na persuasão pelo exemplo. É esta a fonte primeira daquilo que o filósofo paradigmaticamente designa como *moral aberta*. A acção livre e inventiva escapa ao quadro meramente utilitário do agir e possibilita concretizar aquilo que Bergson propunha aos filósofos e ao comum dos homens no Congresso Descartes: harmonizar o corpo e a alma da humanidade. É neste contexto que se deve entender o incitamento bergsoniano para que cada indivíduo aja como homem de pensamento e pense como homem de acção.

Sant'Anna Dionísio confrontou Delfim Santos com esta mesma objecção, chamando-lhe a atenção para o sentido “mais elevado” subjacente à noção bergsoniana de “acção”. Porém, numa justificação que tem tanto de evasiva quanto de pouco convincente, D. Santos, revelando conhecer essoutra acepção do conceito, explica-se salientando ter apenas entendido a acção no sentido que lhe havia dado o próprio texto

<sup>49</sup> D. Santos, *Obras Completas*, IV, carta n. 44, p. 93.

<sup>50</sup> *Ibidem*, I, p. 201: “Y estos solo pueden ser reclutados entre los filósofos, porque, en el fondo, la crisis actual proviene de la falta de claridad en los principios que orientan la acción humana. Y la filosofía debe penetrar en la vida, en la vida corriente, en la vida de las cosas pequeñas, a fin de que sea posible alguna cosa grande y de sentido humano”.

<sup>51</sup> Frédéric Worms sublinha precisamente este carácter gradativo da noção bergsoniana de acção, cf. *Le vocabulaire de Bergson*, p. 10.

de Bergson. Referia-se, provavelmente, à alusão final que o escrito apresenta de alguns momentos do percurso biográfico de Descartes que, contudo, está longe de esgotar o sentido fundamental do texto.

### b) Intuição

Foquemos somente um último exemplo do intenso convívio entre D. Santos e H. Bergson, porquanto nos parece ficar assim a nossa tese amplamente fundamentada.

Em “Sistema e Método”, texto de 1940 publicado na *Revista de Portugal*, o autor português apresenta o *mal-estar* que vislumbrava no pensamento contemporâneo face à inextinguível contraposição de pontos de vista que grassava na filosofia. O desejo de uma explicação unitária para tudo, por um lado, e a fuga em direcção a tendências relativistas, por outro, resumiam as duas posições dominantes desde o pensamento moderno: *a filosofia como sistema*, que fornecia explicações unitárias para o real, mas que se enredava no perigo de o modelar e deformar, e *a filosofia como método*, que proporcionava os critérios adequados à interpretação de uma realidade sempre nova, preservando diante de cada domínio do ser a atitude de espírito que lhe correspondesse, mas que sucumbia, ela mesma, a determinados vícios. As interpretações correntes da filosofia de Bergson surgem neste texto como exemplos do principal erro cometido pelos *discípulos dos metodologistas* que, apesar das intenções iniciais de combate ao sistematismo, acabavam por cair no mesmo equívoco e erigiam o respectivo método em sistema. Ouçamos o próprio autor numa transcrição que, apesar de longa, explícita na perfeição o seu ponto de vista:

A noção central desta filosofia é a «duração concreta». Para Bergson, a duração concreta não podia ser captada por qualquer método útil e fecundo noutras regiões da realidade, porque a «duração» diferia essencialmente de todas elas. Para atingir, pois, a sua essência *sui generis* seria necessário um novo método que lhe fosse tão adequado como os outros métodos eram adequados às outras regiões da realidade. Esse método particular, restrito à observação da «duração concreta», foi chamado pelo filósofo: intuição. Para aqueles mesmos que, discípulos do mestre, combatiam o sistematismo, e que não podiam afinal senão pensar sistematicamente (a força de oposição prende mais do que afasta), a intuição foi estendida como método universal e único a toda a realidade. A filosofia de Bergson passou a chamar-se filosofia da intuição ou intuicionismo. A caracterização pelo método levou assim, como neste exemplo é bem claro, à «sistematização do método», e o progresso que se julgou ter sido feito com a substituição do sistemático pelo metodológico mostrou-se nulo<sup>52</sup>.

Já quando escreve a Bergson, em Paris, Delfim Santos evidencia uma clara visão do valor e do alcance da noção de intuição no pensamento bergsoniano, afirmando o seu profundo reconhecimento diante do homem que, no seu entender, havia fornecido à filosofia *o método* mais profundo e seguro para o conhecimento da vida e do próprio homem. Cinco anos decorridos desde a conversa mantida com Bergson, Delfim Santos referencia-o baseado nos ecos daquilo que aprendera, de viva voz, com o Mestre. *Qual o objectivo em catalogar as filosofias pelos seus métodos?*, questionava com certo pesar Bergson, em 1935, ao explicar ao visitante português que para lá do método se encontrava algo de muito mais importante, e que, por esse motivo, o método era apenas a ponte para a descoberta daquilo que realmente importa. *Intuição e duração*, neste contexto específico, referem-se, respectivamente, ao método e objecto próprios da

<sup>52</sup> D. Santos, *Obras Completas*, I, pp. 354-355.

filosofia bergsoniana e a sua alusão em “Sistema e Método” confirma o claro entendimento delfiniano do alcance dos dois conceitos.

Se perscrutarmos a obra escrita do filósofo francês, encontramos no texto *Introduction à la Métaphysique*, de 1903, dois momentos em que Bergson estabelece de forma clara e precisa o que entende pelos dois conceitos em causa, e que nos parecem dissipar quaisquer dúvidas. “Intuição” define-a Bergson, numa esclarecedora nota de rodapé, como a *função* metafísica do pensamento, o conhecimento do espírito pelo espírito, ou seja, daquilo que há de essencial na matéria<sup>53</sup>. Quanto à noção de “duração”, consiste na ideia de que não há qualquer estado de alma possível que não mude a cada instante, que não há consciência sem memória e que, por conseguinte, não é possível conceber a continuação dum estado sem adicionar a lembrança dos momentos passados<sup>54</sup>. Uma refere-se à forma como devemos conhecer a realidade, a outra abriga os principais conhecimentos sobre esta. Através da sua fabulosa capacidade imagética, Bergson explica melhor o que as separa: intuição e duração distinguem-se uma da outra da mesma forma que a impulsão motora se distingue do caminho percorrido ou que a tensão da mola se distingue dos movimentos visíveis do pêndulo<sup>55</sup>. Ainda que o conceito de intuição assuma, no todo da obra do autor, uma riqueza significativa que lhe permite abarcar determinados conteúdos<sup>56</sup>, - é inegável a forte componente metodológica do conceito que Delfim Santos pretendia sublinhar<sup>57</sup>. À semelhança daquilo que lhe havia sido pedido pelo próprio Bergson, o filósofo português assume-se neste escrito como embaixador na elucidação de um equívoco hermenêutico largamente difundido e que Bergson rejeitava determinadamente.

O perfil especulativo delfiniano, que ainda dava os primeiros passos em 1936, foi paulatinamente cultivado nos anos que se seguiram nalguns dos centros filosóficos europeus onde fervilhavam as mais recentes orientações do pensamento contemporâneo. D. Santos encontrou na filosofia anglo-saxónica a roupagem conceptual adequada ao seu próprio pensamento e reconheceu - primeiro no Círculo de Viena, posteriormente na fenomenologia e no pensamento existencialista - as escolas onde a sua filosofia poderia autenticamente medrar. O seu perfil de maturidade filosófica construiu-se num horizonte eminentemente antropológico e as suas preocupações especulativas centraram-se nas relações entre a condição humana e o domínio da existência. Envolvido em tais preocupações, o pensador português redireccionou os seus interesses e encontrou precisamente na filosofia alemã, em nomes como Husserl, Hartmann e Heidegger, as respostas às suas próprias inquietações. Bergson e o espiritualismo francês vão assumindo uma posição de menor destaque nos escritos delfinianos, aparecendo sobretudo a propósito da filosofia leonardina.

<sup>53</sup> Cf. H. Bergson, *Œuvres*, *Introduction à la Métaphysique*, p. 1424, n. 2. Apesar de ter sido redigido em 1903, este texto apareceu posteriormente publicado em 1934 na colectânea *La Pensée et le Mouvant*, tendo esta nota de Bergson sido escrita por essa ocasião.

<sup>54</sup> Cf. *Ibidem*, p. 1411.

<sup>55</sup> Cf. *Ibidem*, p. 1432.

<sup>56</sup> Referimo-nos aqui à noção de *intuição originária*, apresentada como objectivo último da autêntica atitude filosófica no texto *L'intuition philosophique*, de 1911, publicado na colectânea *La Pensée et le Mouvant*, em 1934.

<sup>57</sup> Atente-se, por exemplo, na seguinte afirmação numa carta a José Marinho: “De facto nós temos bem aprofundado todas as páginas do mestre e creio que sabemos também como ele – no domínio da transmissão de conceitos e tradução das suas intuições – o que é a intuição, qual o seu valor e qual a maneira de refutação da tese que a combate”, D. Santos, *Obras Completas*, IV, carta n. 46, provavelmente de Novembro de 1935, a José Marinho, p. 101.

### 3.2. Da adesão declarada ao *antibergrsonismo* dos anos 50

Em 1956, Álvaro Ribeiro escreve um artigo para o volume IV de *Les études bergsoniennes* onde dá testemunho da influência da filosofia de Bergson na obra dos pensadores portugueses da época. Nesse escrito, intitulado “Bergson au Portugal”, Ribeiro acentua a quota de responsabilidade que Leonardo Coimbra detém no que respeita à divulgação do bergsonismo no seio do pensamento filosófico português contemporâneo: “Fora do grupo dos discípulos de Leonardo Coimbra, a influência de Henri Bergson não foi nem muito clara, nem muito autêntica”<sup>58</sup>. Hoje é, aliás, relativamente consensual entre os estudiosos deste período da filosofia portuguesa que a L. Coimbra se ficou a dever a introdução de uma forte componente bibliográfica bergsoniana no âmbito do pensamento produzido pela chamada Escola Portuense<sup>59</sup>.

Amigo e discípulo de L. Coimbra, Delfim Santos terá encontrado nos contactos com o mestre, já desde os bancos da universidade, uma ocasião privilegiada para o diálogo com o pensamento de Bergson. E haveria de, alguns anos passados, agradecer ao filósofo português da melhor forma possível: servindo de mediador entre este e Bergson. De facto, sabemos hoje que foi Delfim Santos quem terá feito chegar às mãos de Bergson um exemplar da obra que Leonardo devotou ao pensamento do filósofo francês, curiosamente a menos de dois meses do desaparecimento físico do pensador português. Para além disso, no encontro que tiveram em Paris, D. Santos fez questão de colocar Bergson ao corrente da forma entusiasta com que Coimbra se tornara no maior arauto do bergsonismo em terras lusas e, também, de como, em consequência disso, o pensamento bergsoniano gozava de dedicados adeptos e admiradores entre aqueles que o magistério leonardino havia influenciado<sup>60</sup>.

Mesmo após terminar a licenciatura, Delfim Santos acompanha o percurso filosófico do seu antigo professor e participa, inclusivamente, no fazer desse percurso, incentivando e propiciando os seus contactos intelectuais com o bergsonismo. Em Junho de 1932, o autor de *Criacionismo* profere no Porto uma conferência intitulada “O último livro de Bergson”, texto que simultaneamente publica na revista *A Águia*. Graças aos esforços de Delfim Santos, Leonardo recebe também da Associação Académica de Coimbra um convite para realizar nesta cidade, uns dias mais tarde, uma outra palestra, desta feita subordinada ao tema *Henri Bergson e a ciência contemporânea*. Nesta fase do seu itinerário filosófico, Delfim Santos não hesita na filiação de Leonardo nas orientações e pressupostos da doutrina bergsoniana, provavelmente movido pela emoção e pelo entusiasmo característicos da juventude filosófica.

Mais tarde, contudo, volvidos os anos imprescindíveis à maturação do pensamento e ao distanciamento crítico necessários à formação de posições mais desenvolvidas e

<sup>58</sup> A. Ribeiro, “Bergson au Portugal”, p. 228: “En dehors du groupe des disciples de Leonardo Coimbra, l’influence d’Henri Bergson n’a pas été très nette ni très authentique”.

<sup>59</sup> Cf., por exemplo, Pinharanda Gomes, “Bergson e a filosofia portuguesa”, p. 295. Segundo este autor, a difusão do pensamento de Bergson em Portugal ficou também a dever-se a nomes como Sant’Anna Dionísio, Álvaro Ribeiro e José Marinho. Tal como temos vindo a observar, estes três autores constituem os interlocutores epistolares de eleição de Delfim Santos, pelo que deverão ter constituído uma espécie de núcleo de discussão alargado sobre a obra de Bergson.

<sup>60</sup> É curioso que Delfim Santos adoptou exactamente o mesmo procedimento em relação ao pensador russo Nikolai Berdiaeff, quando, num encontro igualmente em Paris, lhe falou do percurso filosófico de Leonardo Coimbra, em especial da obra *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, uma vez que a mesma havia bebido parte das suas influências no pensamento de Berdiaeff. A dívida especulativa e cultural que D. Santos reconhecia perante aquele que ele considerava ser *o mais notável filósofo português* (cf. *Obras Completas*, II, p. 229) como que lhe inculca o imperativo moral de o divulgar junto dos grandes nomes da filosofia da época com quem ia contactando. Se, por um lado, se tratava de fazer jus ao percurso do antigo professor, por outro é possível denotar, subjacente à atitude de Delfim Santos, a firme crença de que Leonardo representava a cultura filosófica de todo um país.

ponderadas, D. Santos haveria de afirmar que L. Coimbra admirava Bergson “com enternecida emoção”, mas que não o seguia discipularmente<sup>61</sup>. Em 1959, 23 anos decorridos sobre a morte de Leonardo Coimbra, Delfim Santos já não o compreendia da mesma forma com que o fizera na época de pós-estudante universitário, e, ao escrever sobre as contribuições filosóficas legadas pela obra do antigo professor, relembra que, a par dos pensamentos de Kant, Comte e Spencer, o autor de *Pensamento Criacionista* criticou igualmente a filosofia de Bergson<sup>62</sup>. Recorrendo à leitura leonardina do instinto enquanto conservador e fixista, incapaz, por isso, de penetrar no mobilismo da vida, D. Santos argumenta a favor do distanciamento de Leonardo Coimbra perante o autor de *L'évolution créatrice*, obra que apresentava da noção de intuição – parente conceptual do instinto - uma interpretação diametralmente oposta. No entender de Delfim Santos, Leonardo sacrificara uma total adesão à filosofia de Bergson em prol da reabilitação do pensamento e da compreensão humanas. Centrado na apologia da intuição enquanto *simpatia espiritual com aquilo que a realidade tem de mais interior*<sup>63</sup>, o bergsonismo incorria, segundo D. Santos, na imperdoável desvalorização da inteligência. No seu entender, este aspecto não só transformava o pensamento de Bergson num ideário equívoco, como principalmente destruía a sua pretensão em estabelecer-se enquanto processo original de conhecimento.

Delfim Santos converte este artigo de 1959 num hino à filosofia leonardina e, descontente com a excessiva proximidade persistentemente cultivada entre Leonardo Coimbra e Henri Bergson, procura justificar o que considera ser o *antibergsonismo* do primeiro<sup>64</sup>. Quer durante a existência de Leonardo, quer após a sua morte, as comuns alusões à sua inclinação bergsoniana poderiam, no entender de D. Santos, facilmente rasar o perigo de destituir o pensamento leonardino da originalidade e do valor filosóficos que lhe eram devidos. Assim sendo, conclui que a atitude negativa de L. Coimbra face a Bergson consistia num procedimento propedêutico imprescindível à posterior assunção de um pensamento próprio em que a filosofia é encarada como teoria e prática da experiência, possibilitada pelo exercício real da liberdade. Sentindo que os seus objectivos ficavam, assim, plenamente cumpridos, desabafa o comentador:

Julgamos que, depois do apontado e corroborado pelas citações que apresentamos, não é possível continuar a considerar Leonardo Coimbra um propugnador e defensor em Portugal da filosofia de Bergson<sup>65</sup>.

Por detrás do propósito de afastar o fundo do pensamento leonardino das orientações da filosofia bergsoniana, encontramos a manifestação pública de desvinculamento do próprio Delfim Santos diante do legado do autor de *L'évolution créatrice*. O contacto directo com o pensamento germânico do seu tempo revelou ao filósofo português o carácter imprescindível de uma leitura racional da existência e, conseqüentemente, afastou-o da meta-racionalidade subjacente ao método intuitivo da filosofia de Henri Bergson<sup>66</sup>. Contudo, haveria de permanecer uma afinidade de fundo

<sup>61</sup> Cf. D. Santos, “Actualidade e valor do pensamento filosófico de Leonardo Coimbra”, *Obras Completas*, II, p. 238.

<sup>62</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 290-292.

<sup>63</sup> Cf. H. Bergson, *Œuvres*, Introduction à la Métaphysique, p. 1432.

<sup>64</sup> A expressão é do próprio Delfim Santos.

<sup>65</sup> D. Santos, *Obras Completas*, II, p. 291.

<sup>66</sup> M<sup>o</sup> de L. Sirgado Ganho considera que um dos traços característicos da filosofia delfiniana reside precisamente na preocupação por um acurado rigor conceptual na construção de um pensamento de cariz categorial, cf. *O essencial sobre Delfim Santos*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2002, p. 75; *O pensamento de Delfim Santos*, separata de *Itinerarium*, Braga, 1990, p. 58.

entre os projectos especulativos dos dois filósofos: comprometidos com uma orientação que tendia a difundir-se em muitas das correntes filosóficas da época, ambos procuraram, de uma forma mais ou menos conseguida, rasgar os horizontes rigidamente sistematizadores da filosofia e abri-la às diversas dimensões da existência.

### RESUMO

Delfim Santos foi um dos mais destacados discípulos de Leonardo Coimbra e, nesse contexto, teve ao seu dispor um ambiente especulativo propício ao contacto precoce com a filosofia de Henri Bergson. Na sequência do encontro que teve com o filósofo francês, em Paris no ano de 1935, Delfim Santos contribuiu de forma decisiva para a aproximação de uma determinada facção do pensamento português da época à filosofia de Bergson. Ainda que tenha posteriormente construído a sua própria perspectiva filosófica em estreita ligação com o pensamento alemão contemporâneo, em especial sob a influência de nomes como Heidegger ou Hartmann, os primeiros escritos de Delfim Santos deixam bem clara uma aproximação especulativa a determinadas orientações bergsonianas. Contudo, já no final da sua vida – abruptamente interrompida –, as referências a Bergson surgem a propósito da filosofia de Leonardo Coimbra e visam fundamentalmente acentuar o que para Delfim Santos constituía o *antibergsonismo* do antigo Mestre português.

### RESUMÉ

Delfim Santos a été l'un des plus renommés disciples de Leonardo Coimbra et, dans ce contexte, il a eu à sa disposition une ambiance spéculative favorable au contact précoce avec la philosophie d'Henri Bergson. À la suite du rendez-vous qu'il a eu avec le philosophe français, à Paris en 1935, Delfim Santos a contribué d'une façon décisive pour l'approche d'une certaine faction de la pensée portugaise de l'époque à la philosophie de Bergson. Bien qu'il ait plus tard construit sa propre perspective philosophique en liaison étroite avec la pensée allemande contemporaine, surtout sous l'influence de noms tels que Heidegger ou Hartmann, les premiers textes de Delfim Santos laissent bien évident une approximation spéculative à des certaines orientations bergsoniennes. Cependant, à la fin de sa vie – abruptement interrompue –, les références à Bergson surgissent à propos de la philosophie de Leonardo Coimbra et ont pour but d'accentuer ce que pour Delfim Santos constituait l'*antibergsonisme* de l'ancien Maître portugais.

## ERRATA

página	onde está	deve estar
página 1, nota 2	Cf. <i>Ibidem</i> , carta n. 15, a Álvaro Ribeiro, de 1 de Abril de 1932, p. 48.	Cf. D. Santos, <i>Obras Completas</i> , IV, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1998, carta n. 15, a Álvaro Ribeiro, de 1 de Abril de 1932, p. 48
página 3, nota de rodapé 6	H. Bergson, <i>Œuvres</i> , L'Évolution Créatrice, 759.	H. Bergson, <i>Œuvres</i> , Édition du Centenaire, Presses Universitaires de France, Paris, 2001, p. 759.
página 7, linha 10	texto de 1911	conferência de 1911
página 7, nota de rodapé 13	<i>Estudos sobre o pensamento português contemporâneo</i> , p. 112.	<i>Estudos sobre o pensamento português contemporâneo</i> , Biblioteca Nacional, Lisboa, 1981, p. 112.
página 10, linha 4	É assim que	Foi assim que
página 10, linha 28	conceito maior da filosofia de	noção-imagem maior da filosofia de
página 10, nota 21	<i>Ibidem</i> ,	D. Santos, <i>Obras Completas</i> ,
página 11, linha 3	“inteligência” consistem nos elementos	“inteligência” compõem os elementos
página 19, linha 17	contesta a sua obstinação Platão	contesta a sua obstinação por Platão
página 20, linha 23	no ano de 1938 em Paris	no ano de 1937 em Paris
página 21, linha 16	comprovativo da nossa tese	comprovativo da nossa tese de aproximação entre ambos
página 23, linha 2	ecoam ecos	soam ecos
página 24, nota de rodapé 51	<i>Le vocabulaire de Bergson</i> , p. 10.	<i>Le vocabulaire de Bergson</i> , Ellipses, Paris, 2000, p. 10.
página 25, linha 2	convívio entre D. Santos e	convívio especulativo entre D. Santos e
página 26, linha 18	qualquer estado de alma possível	qualquer estado de consciência
página 27, nota de rodapé 58	A. Ribeiro, “Bergson au Portugal”, p. 228:	A. Ribeiro, “Bergson au Portugal”, <i>Les études bergsoniennes</i> , volume IV, Éditions Albin Michel, Paris, 1956, p. 228:
página 28, nota de rodapé 59	Pinharanda Gomes, “Bergson e a filosofia portuguesa”,	Pinharanda Gomes, “Bergson e a filosofia portuguesa”, <i>Formas de pensamento filosófico em Portugal (1850-1950)</i> , Instituto Amaro da Costa, Lisboa, 1986,